



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

GLEYCE ANNE DE SOUZA FRANÇA

**LINGUAGENS DE CRIANÇAS EM EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS DE LEITURA E
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

CAMPINA GRANDE

2019

GLEYCE ANNE DE SOUZA FRANÇA

**LINGUAGENS DE CRIANÇAS EM EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS DE LEITURA E
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação de Pedagogia/Departamento de Educação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F814I França, Gleyce Anne de Souza.
Linguagens de crianças em experiências com práticas de leitura e contação de história [manuscrito] / Gleyce Anne de Souza França. - 2019.
47 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Prática de leitura. 2. C. 3. Contação de histórias. 4. Criança. 5. Linguagem. I. Título
21. ed. CDD 372.4

GLEYCE ANNE DE SOUZA FRANÇA

**LINGUAGENS DE CRIANÇAS EM EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS DE LEITURA E
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
a Coordenação de Pedagogia/Departamento
de Educação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Pedagogia.

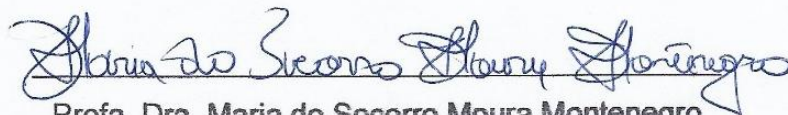
Aprovada em: 05/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



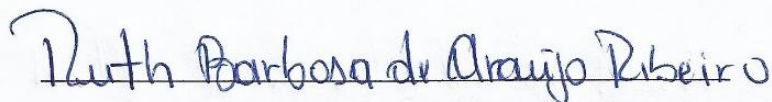
Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo
(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms. Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe e irmãs, por todo amor,
DEDICO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por estar comigo em todos momentos e por me dar saúde para conseguir concluir o curso e o presente trabalho.

A minha orientadora, Glória Maria, por ter aceitado o convite para as orientações dessa pesquisa e por todo aprendizado que contribuiu de forma significativa para a minha formação.

A minha mãe, por ser a melhor mãe do mundo, estar comigo em todos os momentos, me apoiando em todas as situações da minha vida, por todo amor e carinho.

A meu pai, mesmo não estando presente fisicamente, sei que onde estiver, está olhando por mim e orgulhoso por saber onde cheguei.

As minhas irmãs, que são minhas melhores amigas, por estarem comigo nos bons e maus momentos, sempre apoiando uma a outra.

A meu namorado, por sempre me dar força e me apoiar, sempre fazendo me sentir capaz, e por nunca me deixar desistir.

A minha sogra, por ser uma incentivadora e um exemplo de profissional, me guiando da melhor forma possível na minha vida pessoal e acadêmica.

As minhas amigas de curso, pela companhia nessa árdua caminhada, pelas trocas de conhecimento e pela amizade.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram ao longo desses quatro anos para minha formação acadêmica.

A banca examinadora, Maria do Socorro Moura e Ruth Barbosa, por aceitarem o convite para contribuir com essa pesquisa.

Por fim, a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação.

RESUMO

O presente trabalho, decorrente de nossa experiência em Estágio Supervisionado na Educação Infantil, através da vivência de um Projeto de Atuação e Intervenção Docente - PAID, tem como principal objetivo, analisar linguagens de crianças utilizadas em práticas de leitura e contação de histórias. O referido Estágio, ocorrido durante o mês de Junho de 2018, foi desenvolvido em uma creche da rede privada de ensino, localizada na cidade de Campina Grande-PB. Os sujeitos envolvidos, foram 6 crianças de creche, na faixa etária de 01 a 02 anos. Dentre os fundamentos utilizados, destacamos: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2009); a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017); e estudos realizados por Cunha (2014), Oliveira (2014), Rigliski (2012), dentre outros. Na definição do percurso metodológico, definimos este trabalho como uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, e do tipo pesquisa-ação, pois os dados aqui analisados decorrem da própria experiência da pesquisadora, na execução do PAID, junto a crianças de creche. A vivência do PAID, que objetivava o desenvolvimento de experiências com práticas de leitura e contação de histórias, junto a crianças de creche, para identificação de linguagens por elas utilizadas, se constituiu os dados do presente estudo. Assim, foi possível observar o interesse das crianças envolvidas com histórias lidas e contadas, bem como a expressão de linguagens, tanto na hora da escuta, como no desenvolvimento das atividades decorrentes dessas histórias, desenvolvidas a partir de aspectos referentes a cada história. Após o desenvolvimento do trabalho concluímos que é de fundamental importância a prática de leitura e contação de histórias, como um significativo auxílio no desenvolvimento e aprendizagem da criança, e como espaço e experiência que possibilita a manifestação, expressão e comunicação das múltiplas linguagens.

Palavras-chave: Prática de Leitura. Contação de Histórias. Criança. Linguagem.

RESUMEN

El presente trabajo, decurrente de nuestra experiencia en la pasantía en la enseñanza primaria, a través de la vivencia de un Proyecto de Actuación e Intervención Docente – PAID, tiene como principal objetivo, analizar los lenguajes presentados por los niños en prácticas de lectura y el acto de contar historias. La referida pasantía, ocurrida durante el mes de junio de 2018, fue desarrollada en una guardería de la red privada de enseñanza localizada en la ciudad de Campina Grande-PB. Los sujetos envueltos, fueron 6 niños de guardería, con edad desde 01 hasta 02 años. Entre la base teórica utilizada, destacamos: *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* - RCNEI (BRASIL, 1998), *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* - DCNEI (BRASIL, 2009), *Base Nacional Comum Curricular* - BNCC (BRASIL, 2017); y estudios realizados por Cunha (2014), Oliveira (2014), Rigliski (2012), y otros además. En la definición del recorrido metodológico, definimos este trabajo como una investigación exploratoria de naturaleza cualitativa, y del tipo investigación acción, pues los datos aquí analizados transcurren de la propia experiencia de la investigadora, en la ejecución del PAID, junto a niños de guardería. La vivencia del PAID, que objetivaba el desarrollo de experiencias con prácticas de lectura y el acto de contar historias, junto a niños de guardería, para la identificación de lenguajes por ellas utilizadas, constituyese los datos del presente estudio. Así, fue posible observar el interés de los niños envueltos con las historias lidas y contadas, bien como la expresión de lenguajes, tanto en el momento de la escucha como en el desarrollo de las actividades decurrentes de la historia, desarrolladas a partir de aspectos diferentes de cada una. Tras el desarrollo del trabajo concluimos que es de fundamental importancia la práctica de lectura y el acto de contar historias, como un significativo auxilio para el desarrollo y aprendizaje del niño, y como espacio y experiencia que posibilita la manifestación, expresión y comunicación de las múltiples lenguajes.

Palabras Clave: Practica de Lectura. Acto de Contar Historias. Niño. Lenguaje.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

PAID Projeto de Atuação e Intervenção Docente

RCNEI Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. PRÁTICAS DE LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
1.1. Algumas considerações introdutórias sobre a Educação Infantil e suas práticas pedagógicas	12
1.2 A leitura pela criança e para o seu desenvolvimento	15
1.3 Papel do Professor.....	17
2. LINGUAGENS DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
2.1 Direitos de aprendizagem da criança e eixos estruturantes da Educação Infantil: possibilidades para exploração de múltiplas linguagens	20
2.2 Linguagem Oral	21
2.3 Linguagem Corporal.....	24
2.4 Linguagem Musical	26
2.5 Linguagem das artes visuais	28
3. METODOLOGIA	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	33
4.1 A Unidade de Educação Infantil Campo de Estágio	33
4.2 Análise dos dados.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

A prática de leitura e contação de história na Educação Infantil deve acontecer desde a mais tenra idade das crianças, promovendo assim o hábito e o gosto pela leitura. Essas práticas desempenham um aspecto lúdico na aprendizagem, auxiliam não apenas o processo de alfabetização, que no nível de ensino posterior – o Ensino Fundamental – ocorre de forma efetiva e sistemática, mas, contribui no desenvolvimento das crianças em diferentes áreas do seu desenvolvimento, favorece o uso de linguagens, ampliando o repertório linguístico da criança, e ajuda a estabelecer uma relação de interação e troca entre professoras e crianças, ou entre as próprias crianças.

No exercício dessas práticas, pudemos observar a expressão de diferentes linguagens da criança. Sabemos que essas expressões podem ocorrer de múltiplas formas, no entanto, o corpus deste estudo revela uma saliência no uso das linguagens: oral, corporal, musical, e das artes visuais, observado durante a vivência de um Projeto de Atuação e Intervenção Docente, realizado durante Estágio Supervisionado em Educação Infantil, mais especificamente numa turma de creche. Esta experiência de Estágio, portanto, se constituiu do nosso principal foco de atenção no presente estudo.

A carência dessas práticas, junto a crianças com mais tenra idade, em ambientes institucionais, como a creche, acaba por inibir nas crianças o gosto pela leitura e, conseqüentemente, o hábito pela escuta de histórias, ou de outros gêneros textuais literários. E isso, certamente influirá na aprendizagem das crianças, na escola. A devida atenção às linguagens que a criança utiliza, em experiências com leitura e contação de histórias, também são desconsideradas, de uma forma ou de outra.

A partir dessa preocupação, surgiu a necessidade de vivenciar no PAID às mencionadas práticas de leitura e contação de histórias, bem como torna-las foco do presente estudo. Surge, assim, questões que nortearam nossa experiência de Estágio Supervisionado, bem como este estudo: Que linguagens são utilizadas por crianças de creche, quando participam de experiências com práticas de leitura e contação de histórias, e de atividades decorrentes dessas histórias? Estas práticas contribuem para o desenvolvimento da criança, e do gosto pela leitura ou escuta de histórias?

Para responder a esses questionamentos definimos como objetivo geral, analisar linguagens de crianças utilizadas em práticas de leitura e contação de histórias. E, como objetivos específicos: realizar leitura e contação de histórias; identificar linguagens utilizadas pelas crianças, durante as práticas de leitura e contação de histórias, ou de atividades decorrentes dessas práticas; observar, nas crianças, comportamentos ou linguagens que indiquem avanços em seu desenvolvimento.

A escolha do tema em estudo ocorreu, portanto, a partir do nosso interesse em explorar, junto a crianças, através de leituras e contação de histórias, diferentes linguagens e possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem, através de uma comunicação expressiva e atrativa, que possa proporcionar o gosto pela leitura e o uso de linguagens.

A metodologia desenvolvida nesse trabalho, caracteriza-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória, e do tipo pesquisa-ação, pois os dados aqui analisados decorrem da própria experiência da pesquisadora, na execução do PAID. E, como instrumento de coleta de dados, utilizamos registros escritos em diário de campo, decorrentes de observações realizadas durante a vivência do PAID.

Para fundamentar nossas reflexões e análises, buscamos documentos oficiais, direcionados à Educação Infantil, tais como: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2009), e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017). Ainda serviram de base nesses fundamentos, estudos realizados por Cunha (2014), Oliveira (2014), Rigliski (2012), dentre outros.

Com base nas nossas reflexões e análises, e no corpus do nosso estudo, entendemos que a prática de leitura e contação de história, desde a mais tenra idade, não apenas favorece a inserção da criança no mundo da leitura desde cedo, como o desenvolvimento do gosto pela leitura, numa perspectiva lúdica, o que acaba por auxiliar o trabalho pedagógico e contribuir para a exploração de diferentes linguagens pela criança. Portanto, as histórias, e atividades relacionadas a cada uma delas, possibilitam a comunicação e expressão pela criança, tornando-a ativa em seu processo de aprender e se desenvolver.

Enfim, o presente trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro discute sobre práticas de leitura e contação de história na Educação Infantil, como atividade lúdica que contribui para o desenvolvimento da criança, e se constitui de espaço para utilização de diferentes linguagens, bem como, sobre o papel do professor como mediador dessa prática; o segundo capítulo trata da relevância de linguagens utilizadas por crianças, destacando algumas observadas durante o desenvolvimento do PAID; no terceiro, detalhamos acerca dos procedimentos metodológicos, e por fim, no quarto capítulo, ocorre o encontro com nosso corpus investigativo, com a discussão dos resultados.

1. PRÁTICAS DE LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, faremos uma breve contextualização sobre a Educação Infantil e posteriormente trataremos das práticas de leitura e contação de histórias, como uma importante estratégia metodológica neste nível da educação, e o papel do professor como agente ativo na formação da criança.

1.1. Algumas considerações introdutórias sobre a Educação Infantil e suas práticas pedagógicas

A contar da Constituição de 1988 a Educação Infantil passa a ser dever do Estado, garantindo como direito das crianças o atendimento em creches e pré-escolas. O capítulo III referente a educação, cultura e do desporto na seção I relativo a educação da referida Constituição, no seu Artigo 208º inciso IV, ressalta que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade”.

A creche ou pré-escola será um espaço para as crianças ampliarem o universo de experiências, conhecimentos e habilidades (BNCC, 2017). De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil as práticas pedagógicas devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras, sendo esses dois aspectos relevantes para o desenvolvimento integral das crianças, pois oportuniza aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

As Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNEI (BRASIL, 2009) definem Educação Infantil como:

[...] Primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2009 - artigo 5º da Resolução CNE/CEB nº 05/09).

A partir deste contexto legal, protagonizado pela nossa Lei maior, a Constituição Federal, escolas de Educação Infantil vêm revendo suas concepções e propostas, com vistas na consolidação de práticas pedagógicas que otimizem os processos de aprendizagem e de desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos de idade, considerando-as em suas próprias especificidades, e considerando-a também especificidade deste nível de educação, que não deve, dentre outros, antecipar conteúdos que devem ser trabalhados no Ensino Fundamental. Ou seja, a Educação Infantil e suas práticas pedagógicas não devem ser concebidas como preparatórias para o ensino regular.

Com vistas na perspectiva de consideração a especificidade da Educação Infantil e, com isso, a especificidade da criança, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil define essa criança como sujeito de direitos, que se desenvolve nas múltiplas interações que ela vai experimentando no mundo social, quando destaca que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009 - artigo 4º da Resolução CNE/CEB nº 04/09)

Desse modo, as práticas pedagógicas devem oportunizar a crianças, desde mais tenra idade, experiências lúdicas. Ao serem inseridas no espaço escolar, primeiro vínculo, de forma institucionalizada, de socialização - caracterizado pela separação destas com o ambiente domiciliar, ou seja, com seus pais ou familiares mais próximos – as crianças irão passar a viver interações com novas pessoas, que não serão apenas aquelas já conhecidas do ambiente domiciliar, que lhes possibilitarão novas experiências, vivências, aprendizagens e a ampliação do uso de diferentes linguagens.

Segundo as DCNEI, as interações e as brincadeiras são consideradas eixos estruturantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil. No seu Artigo 8º diz que as práticas pedagógicas devem se basear em uma organização de tempo, espaço e dos materiais considerando as singularidades de cada criança, promovendo assim interações entre crianças da mesma idade e de idades diferentes. E no inciso I, do

Artigo 10º determina como sendo uma forma de acompanhar o trabalho pedagógico a “observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano” (BRASIL, 2009).

Ademais, sobre interações sociais, o parecer que homologou a fixação das DCNEI ressalta que:

[...] a motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a sociabilidade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que, desde o nascimento, a criança estabelece com diferentes parceiros, a depender da maneira como sua capacidade para construir conhecimento é possibilitada e trabalhada nas situações em que ela participa. Isso por que, na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar. (BRASIL, 2009, p. 7)

Desse modo podemos perceber que as crianças se desenvolvem a partir das interações estabelecidas entre si e com os adultos no ambiente em que estão inseridas, como também, as interações irão auxiliar no desenvolvimento integral das crianças.

Dentre as diversas ações que caracterizam as práticas pedagógicas da Educação Infantil, e às interações que ocorrem no interior dessas práticas, destacamos os momentos de uso da leitura ou contação de histórias, que podem ser considerados, dentre outros, como importante espaço para expressão de diferentes linguagens, de contato com elementos culturais (sejam próximos aos seus contextos ou não), acesso ao conhecimento, mas, principalmente como relevante espaço para o desenvolvimento da imaginação infantil. Trata-se de um momento de puro deleite. Rigliski (2012) nos diz que:

O ato de contar uma história, além de atividade lúdica, estimula e auxilia o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser recreativa, educativa, afetiva, alargando horizontes, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos e também por estimular a socialização e desenvolver a atenção. O ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas. Contar histórias é uma experiência de interação. Constitui um relacionamento cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem. A

interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos (RIGLISKI, 2012, p. 6)

Sabemos, entretanto, que ler e contar são práticas distintas, mas nenhuma é melhor do que a outra. São duas situações diferentes de trabalho com a linguagem, uma vez que na leitura o livro vai ser lido conforme está escrito, valorizando assim a linguagem literária. E na contação, apesar da inspiração literária, se usa de outros elementos para tornar a história mais atrativa, como as expressões faciais e gestuais, ocorrendo um maior contato visual, da (o) professora (o) com as crianças.

Vale lembrar o ditado popular: “Quem conta um conto aumenta um ponto” e isso serve para ser praticado nas contações de histórias. É nessa direção que consideramos, portanto, a importância da alternância dessas duas práticas: ler e contar, pois ao se ler uma história as crianças vão ter a experiência de contato com o livro físico, e ao contar uma história a experiência da narrativa oral.

1.2 A leitura pela criança e para o seu desenvolvimento

Antes da alfabetização propriamente dita, ou seja, do domínio da linguagem escrita, a criança pode ser capaz de ler, ao seu modo, folheando páginas, imitando o que os personagens estão fazendo e narrando o enredo das histórias a partir das observações à figuras, imagens ou desenhos. Segundo Ramos (2014) antes mesmo de falar, os bebês fazem uma leitura do texto oral que chega aos seus ouvidos, interpretando os sons, gestos e expressões para conseguir compreender o que lhe chega aos sentidos. Portanto, quanto mais cedo inserida no mundo da leitura melhor será para a criança, pois trata-se de uma prática que irá auxiliá-la no estímulo à sua curiosidade e à sua constituição leitora.

Quando pequenas, as crianças se encantam pelas cores, formas e figuras. Nesse aspecto, os livros infantis chamam à atenção, a partir do primeiro contato que elas tenham com eles, possibilitando que estes deixem de ser um objeto desconhecido e deixem de fazer parte do seu mundo imaginário transformando-se em realidade. Conforme Debus (2006) a primeira leitura que a criança faz é a partir do contato com os

elementos físicos do livro, sendo ele o papel, a textura, o volume e as ilustrações. Essa prática é de fundamental importância para que as crianças tenham a oportunidade de experimentarem suas formas e explorem seus sentidos.

Neste contexto, a partir do manuseio com os livros, nos momentos de leitura, as crianças apropriam-se do conhecimento exposto nestes livros, mudando sua forma de interação e despertando assim, cada vez mais, o gosto pela leitura, tornando-se posteriormente, com essa prática, adultos leitores e futuros intelectuais.

Nessa perspectiva, a leitura ou contação de histórias são práticas importantes, que, devem ser praticadas, tanto no nível da Educação Infantil, como e também nos anos iniciais do Ensino Fundamental, numa perspectiva lúdica, auxiliam no trabalho pedagógico e contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, uma vez que estas práticas podem favorecer a exploração de diferentes linguagens, a imaginação, a criatividade, a curiosidade, o raciocínio lógico, e o próprio gosto pela leitura. Desse modo, além de ser uma atividade lúdica a leitura contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças, proporcionando um momento prazeroso e interativo entre leitor e ouvinte, gerando assim uma aproximação entre os sujeitos.

Rigliski (2012) afirma que a leitura e contação de história exercem um papel importante na formação da criança, em diferentes áreas, contribuindo ainda no desenvolvimento intelectual, pois ajuda as crianças a fazer uso do seu imaginário, da fantasia e da criatividade, pois a partir dessas práticas a criança pode criar outras histórias.

Em se tratando do desenvolvimento de formas de comunicação pela criança, através das práticas de leitura e contação de histórias, é possível observar que elas fazem uso da linguagem não verbal, utilizando seu próprio corpo como forma de comunicação e expressão, exercendo assim, através de estímulos, uma ponte segura para domínio da oralidade. No desenvolvimento oral, onde as histórias contribuem, conscientemente ou não, para ampliar o vocabulário das crianças, isso acontece a partir do momento em que o educador pode propiciar comentário e discussão a respeito do enredo das histórias e até mesmo o exercício de recontar histórias.

Ainda nessa perspectiva de se discutir as contribuições das práticas de leitura e contação de histórias, destacamos o desenvolvimento sociocultural, que acontece a partir da socialização e interações de que participam as crianças, no momento em que se lê ou se conta histórias. São momentos em que são estimuladas as interações entre todos, pois as histórias auxiliam na aproximação dos ouvintes, com eles mesmos, com os outros, e com elementos trazidos pelas próprias histórias, sejam de contextos culturais familiares ou não. O mesmo autor assegura essa ideia ressaltando que:

O desenvolvimento da criança como o processo que vai sendo construído pela própria criança ocorre durante as interações com “outros” em seu universo social e que tem sua origem durante a interação social a partir de uma relação mútua entre o plano individual e o plano social (RIGLISKI, 2012, p. 8)

E, por fim, e não menos importante, a contribuição ao desenvolvimento físico-motor, já que algumas histórias fazem uso da manipulação do corpo com base em variados aspectos que podem ser explorados com a manipulação da voz e movimentação corporal, tanto do contador como do ouvinte, fazendo com que eles se expressem e recontem as histórias. Rigliski (2012, p. 8) garante isso destacando que “A criança recebe influência até em seu desenvolvimento físico-motor, devido à manipulação do corpo e da voz de que faz uso ao ouvir e recontar as histórias”.

Diante disso, para atingir essas competências, cabe ao professor tornar a prática de leitura e contação de história um hábito em sua prática pedagógica, que além de auxiliar seu próprio trabalho, contribui com o desenvolvimento da criança.

1.3 Papel do Professor¹

O professor exerce um papel fundamental na vida das crianças, pois é um agente ativo na formação de um cidadão, devendo compreender cada criança na sua totalidade, respeitando sua capacidade e potencialidade. Nessa perspectiva, estes devem elaborar estratégias para alcançar os objetivos das suas práticas pedagógicas,

¹ Utilizamos o termo em masculino para justificar o seu uso genérico, mesmo considerando a predominância de atuação do gênero feminino na Educação Infantil, na condição de professora.

planejando suas atividades e interações, a partir das necessidades das crianças. As práticas de leitura e de contação de histórias precedem desse planejamento.

O trabalho pedagógico deve ser direcionado para possibilitar o desenvolvimento autônomo da criança, que pode ocorrer através de atividades lúdicas, desenvolvidas a partir de atividades concretas, brincadeiras, jogos, leituras e contação de histórias. Sendo assim cabe ao professor mediar essa prática, mostrando para as crianças, desde bebês, o universo da leitura. Com isso essa prática deve estar presente nas escolas, valorizada pelo professor, como prática prazerosa e regular na sua sala de aula, e reconhecida como importante para o desenvolvimento das crianças.

Como já mencionado, o professor é e deve ser um dos principais mediadores da criança com as práticas de leitura, buscando estratégias para tornar essa prática atrativa e prazerosa, e, com isso, o envolvimento e participação dessa criança, seja nas situações de leitura, dita como convencional, ou de contação, a partir do texto literário/contação de histórias. São estratégias que devem primar pela interação entre crianças e professores, como forma de aguçar o interesse destas pela leitura.

Ao longo da sua formação o professor tem contato com variadas possibilidades para a leitura e contação de histórias. Podemos elencar como algumas estratégias: o avental, fantoches, encenação, e ao apenas ler a histórias o professor pode fazer uso de entonação da voz, gestos, incorporar o papel do personagem, tornando assim esses momentos mais divertidos. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998),

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (BRASIL, 1998, p. 143)

Portanto, as práticas de leitura e contação de histórias devem estar presentes em práticas pedagógicas na Educação Infantil, ocorrendo diariamente, criando assim o hábito da leitura e permitindo que a criança tenha contato com novos vocábulos e com outras formas de linguagem. O professor deve conhecer as histórias que, de certa

forma, estão presentes nos livros que escolheu/selecionou para serem explorados em tais práticas, proporcionar rodas de leitura e o contato das crianças com os livros, para que assim elas possam explorá-los, tornando esses momentos mais aconchegantes e prazerosos. Contudo, os livros, presentes no cotidiano das crianças, possibilitarão que as crianças se insiram no mundo da imaginação e da fantasia, e que sejam estimuladas sua sensibilidade e criatividade.

Ao favorecer o contato da criança com o livro, o professor pode, também, considerar-se integrante desse processo de formação leitora - um processo contínuo - pois, a partir do seu contato e exploração de livros, na sua vida profissional e/ou particular, vai se consolidando e ampliando seu repertório de leituras e sua condição de leitor atuante.

Na Educação Infantil, o professor deve ter contato com uma diversidade de livros, e propor práticas de leitura que oportunizem o contato da criança com o universo da leitura, através de momentos agradáveis e lúdicos. Cabe a este profissional, como mediador da leitura, encorajar os pais a praticarem a leitura em casa com seus filhos, para que assim, desde o ambiente domiciliar, as crianças já tragam para as instituições escolares, o hábito e o gosto pela leitura, e que esta se torne uma atividade habitual do seu cotidiano. Nessas instituições, essas práticas passam a ganhar características específicas, através do envolvimento de adultos e crianças, e do que podemos chamar de incremento, quando se observa múltiplas linguagens que estes utilizam na exploração de histórias que são lidas e contadas no cotidiano pedagógico deste nível de educação.

É sobre algumas dessas linguagens, que, conforme nossas próprias observações, durante estágio de docência, predominaram em experiência com leitura e contação de histórias para crianças da Educação Infantil, que iremos discutir no item que segue.

2. LINGUAGENS DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo discutimos sobre algumas linguagens observadas na Educação Infantil, considerando o papel ativo da criança na expressão e comunicação dessas linguagens. Ressaltamos que, além da fala, a criança pode utilizar diferentes e múltiplas linguagens para se comunicar e se expressar, uma vez que ela experimenta o mundo, em todas as suas possibilidades, mediados pelo seu próprio corpo, por manifestações artísticas e outras formas de expressão. Dentre estas diferentes formas de linguagens, destacamos a linguagem oral, corporal, musical, e das artes visuais, as quais foram utilizadas pelas crianças envolvidas neste estudo, sejam de forma espontânea durante as experiências com leitura e contação de histórias, ou com atividades decorrentes dessas experiências.

2.1 Direitos de aprendizagem da criança e eixos estruturantes da Educação Infantil: possibilidades para exploração de múltiplas linguagens

A Base Nacional Comum Curricular vem trazendo seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Referente a esses seis direitos a BNCC (2017) diz que:

[...] seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p. 33)

Compreendido isto, o que deve ocorrer são situações que desempenhem o papel ativo das crianças, onde elas possam interagir com outras crianças e adultos, se expressar, movimentar, explorar, comunicar e se organizar, utilizando diferentes linguagens. Tomando isso como base, podemos perceber que as crianças se expressam por meio das linguagens, não apenas a linguagem oral e escrita, mas deve ser considerado e trabalhado as diversas linguagens presentes no cotidiano das

crianças, pois o conhecimento irá acontecer por meio de uma multiplicidade de linguagens, sendo elas visuais, gestuais, sonoras ou escritas, podendo explorar materiais e ambientes, fazer uso da imaginação e da criatividade, expressar sentimentos e emoções, e brincar.

As DCNEI sustentam no artigo 9º que as instituições de Educação Infantil, tomando como base os eixos interações e brincadeiras, devem assegurar experiências que:

II- Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

IX- Promovam o relacionamento e interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas, gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, CNE/CNB, 2009, p. 4)

Portanto, é fundamental que esteja presente na proposta pedagógica de instituições que oferecem esse nível de educação, e no planejamento dos professores, trabalhar as múltiplas linguagens, visto que haverá, com isso, uma construção significativa do conhecimento, que contribui para o desenvolvimento integral da criança, e possibilita que ela explore o ambiente onde está inserida, e se expressem por meio das múltiplas linguagens.

2.2 Linguagem Oral

Desde cedo as crianças estão submergidas no mundo dos sons, seja ouvindo ou os emitindo. Na interação adulto/criança, dar-se início o desenvolvimento da linguagem oral - primeiramente no convívio com os familiares, depois no convívio com o ambiente escolar, ou nestes convívios concomitantes, no caso de crianças que se encontram no início do seu processo aquisicional e são inseridas em instituições de Educação Infantil. Sendo assim, o desenvolvimento da linguagem oral vai envolver crianças e adultos que irão se comunicar e se expressar a partir das relações estabelecidas nas interações entre os sujeitos culturais, participando de situações fundamentais para auxiliarem no

desenvolvimento da linguagem oral. Partindo desse pressuposto, Costa e Santos (2017) afirmam que:

É neste processo de interação com os adultos da cultura, que a criança vai gradualmente construindo sua capacidade de fazer suas próprias narrações. A linguagem é um meio de comunicação que proporciona conhecimentos para construir uma representação do mundo, com a mediação do adulto. Pois, é nessas interações que as crianças ouvem a língua que é falada ao seu redor e organizam o que ouvem de acordo com suas necessidades (COSTA E SANTOS, 2017, p. 719-720).

Embora nem todas as crianças desenvolvam a linguagem oral do mesmo modo, notamos que as mesmas manifestam sons que podem ser associados a linguagem, com poucos dias de vida. Grolla e Silva (2014) nos explicam isso dizendo que as crianças só demonstram uma produção linguística por volta dos seis meses, mas desde poucos dias de nascidas elas já apresentam propriedades perceptivas com relação a língua.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL,1998) são várias as correntes que explicam a aquisição ou aprendizado da linguagem oral, porém duas delas se destacam: uma que defende este aprendizado atrelado à maturação biológica; e outra, que defende a intervenção do adulto, em interações sociais, como sendo necessária para aquisição e aprendizagem da criança.

Mesmo sem o devido aprofundamento dessas correntes, e seus respectivos representantes, compreendemos, no presente estudo, que se faz necessário contextos interacionais, entre crianças, adultos, coetâneos, ou parceiros mais experientes, para que se possa desenvolver a linguagem oral.

Grolla e Silva (2014) ressaltam duas diferentes visões que procuram explicar a origem da aquisição da linguagem:

A primeira delas, chamada de empirista, postula que todo o conhecimento provém da experiência com o ambiente. As crianças nasceriam sem nenhum conhecimento linguístico e, à medida que são expostas a uma língua, adquirem-na através de estratégias gerais para aquisição de conhecimento, como estratégias gerais para aquisição de conhecimento, como analogias, associações e raciocínio indutivo. Do outro lado, temos a visão racionalista, que postula que a criança nasce

dotada de conhecimentos específico sobre linguagem. A exposição a uma língua particular enriqueceria al conhecimento prévio, guiando a criança no processo, tornando a aquisição assim possível (GROLLA e SILVA, 2014, p. 36).

Diante disso, compreendemos que no empirismo as crianças irão adquirir conhecimento linguístico a partir de fatores externos, frente as experiências vividas e no racionalismo as crianças adquirem conhecimento linguístico frente a fatores internos, elas já nascem prontas para aprender.

Ainda com relação a aquisição da linguagem, Silva (2015) argumenta que a mesma ocorre da relação entre gesto e fala, sendo essas duas esferas indissociáveis. Os gestos aparecem ao mesmo tempo que a produção verbal, essas duas esferas constituem o sistema linguístico. Podemos observar isso quando, por muitas vezes, crianças usam do gesto para alguma afirmação ou negação e até mesmo para solicitar algo que desejam, assim entendemos que as produções verbais são acompanhadas da gesticulação no processo de aquisição da linguagem.

Contudo, podemos entender que a linguagem oral se inicia desde os primeiros meses de vida das crianças, quando a partir da emissão de sons e balbucios, as mesmas buscam se comunicar com os adultos ao seu redor, que, por sua vez, os adultos irão mediar essa aprendizagem, e irão compreendendo enunciados e estabelecendo contextos de diálogo e comunicação. Ainda de acordo com o RCNEI (1998):

Muito cedo, os bebês emitem sons articulados que lhes dão prazer e que revelam seu esforço para comunicar-se com os outros. Os adultos ou crianças mais velhas interpretam essa linguagem peculiar, dando sentido à comunicação dos bebês. A construção da linguagem oral, implica, portanto, na verbalização e na negociação de sentidos estabelecidos entre pessoas que buscam comunicar-se. Ao falar com bebês, os adultos, principalmente, tendem a utilizar uma linguagem simples, breve e repetitiva, que facilita o desenvolvimento da linguagem e da comunicação (BRASIL, 1998, p. 125)

Portanto, entende-se que é a partir da comunicação com o outro, que ocorrerá a construção da linguagem oral, ou seja, havendo sucessivas situações de conversas e falas com os bebês, seja ela com membros da família ou com seus professores ajudará

na construção da linguagem oral. Sendo assim é importante haver situações de rotina para auxiliar na aquisição da linguagem, podemos citar as rodas de conversa, brincadeiras, leitura, música e sempre se comunicar no momento de alimentação, troca de fralda e banho, assim irá ampliar suas capacidades de comunicação oral. Trocas sociais

A aquisição da linguagem oral pode, no nosso entendimento, ser estimulada em diferentes situações de interação social, como por exemplo, em práticas pedagógicas de leitura e contação de histórias, a que são submetidas crianças, desde mais tenra idade, em instituições de Educação Infantil, uma vez que essas práticas servem como um estímulo para desenvolver a capacidade crítica de interpretação, interação social e compreensão de mundo, possibilitando assim que as crianças sejam capazes de indagar o que se passa na história, comentar sobre elementos que lhe chamaram atenção e de reconta-la a partir do que foi entendido da história.

2.3 Linguagem Corporal

A linguagem corporal é a primeira linguagem apresentada pelas crianças, pois desde o nascimento o movimento está presente na vida da criança e, com o decorrer dos anos, elas vão obtendo maior controle sobre o seu corpo e ao mesmo tempo estarão interagindo com o mundo, pois a partir da interação com o outro e com o mundo as crianças irão ampliar suas possibilidades de movimento, permitindo assim que, gradativamente, elas obtenham, pelo ato motor, o que desejam e, de um modo geral, ampliam as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. Para um melhor entendimento do que expomos, recorreremos ao que ressalta Ramos (2014):

Embora a criança já se movimente ao nascer, ela necessita percorrer um caminho de aprendizagem na interação com os outros e com o mundo para ampliar suas possibilidades de movimento, partindo de reações reflexas rumo ao domínio intencional de um sistema complexo de coordenação de gestos e percepções. Assim, progressivamente, a criança é capaz de obter, por meio do ato motor, aquilo que deseja alcançar, segurar, ou levar à boca (RAMOS, 2014, p. 94)

Alguns elementos estão presentes na interação, segundo Brandão (2010, p.45) “a gesticulação é o primeiro tipo de gesto que aparece no comportamento da criança, sendo caracterizado pelo movimento da cabeça, mãos e braços, desenvolvendo – se dentro de contextos interativos lúdicos”. Já para Fonte (2011), no que diz respeito a linguagem ele identifica a modalidade tátil no diálogo.

Diante disso Camargo e Bonfante (2017, p. 11) afirmam que, “através da linguagem corporal as crianças se expressam, manipulam objetos, tem capacidade de controlar ações motoras e se deslocam”, com isso elas irão experimentar novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Em vista disso, devem ser disponibilizados, nas práticas pedagógicas, diferentes meios e situações onde as crianças possam se expressar não apenas pela linguagem oral. O seu corpo é a ferramenta pela qual a criança interage com o mundo, sendo assim elas devem participar de situações onde possam expressar suas emoções, reconhecer e valorizar sua própria imagem e explorar e se orientar no espaço.

O RCNEI (BRASIL, 1998) nos traz algumas sugestões de atividades para se trabalhar a linguagem corporal, como por exemplo: a dança, brincadeiras que contenham movimento e modulações de voz, atividades em frente ao espelho, mímicas, imitação de animais. Desse modo essas atividades auxiliam nos aspectos motores e de expressões dos diversos sentimentos das crianças, caberá ao adulto assegurar que as mesmas estejam em um ambiente onde possam ter diferentes experiências motoras e a exploração do movimento.

Em situações de leitura e contação de história relacionando-as com a linguagem abordada nesse tópico, podemos dizer que essas práticas possibilitam a ação lúdica de expressão da linguagem corporal, pois pudemos contar algumas histórias através da experimentação com o próprio corpo da criança, desde a entonação da voz até nas mais diversas expressões corporais que puderam ser exploradas, de acordo com cada história. Com isso, pudemos favorecer a percepção, pela criança, de que seu corpo é um meio de comunicação, onde as mesmas podem explorar possibilidades narrativas.

2.4 Linguagem Musical

O som está presente em nossas vidas em todos os elementos que nos cercam, logo o homem irá transformar os sons em música, desse modo há a linguagem musical. “Logo, a linguagem musical é um meio de organização da realidade e sua compreensão não é anterior a seu uso: é o seu uso que organiza a experiência e permite compreensão” (LINO, 2014, p. 200).

A princípio as crianças começam a entender a música na barriga da mãe, e depois do seu nascimento percebe a música no ambiente em que convive através da relação com as pessoas do seu convívio, pois desde muito cedo escutam muitas canções e melodias curtas, a partir de canções de ninar até em brincadeiras. A partir do momento em que, as práticas pedagógicas na educação infantil, oferecem às crianças, contatos com músicas e objetos sonoros, dar-se início ao trabalho com a musicalização ou às percepções sonoras. Sobre isso, o RCNEI (BRASIL, 1998) ressalta que o contato das crianças com as diversas formas musicais faz com que as mesmas comecem seu processo de musicalização. E, nas interações com os outros, e com os objetos musicais elas podem se comunicar por meio dos sons.

Não basta apenas cantar ou escutar músicas, o que deve ser feito é uma compreensão do que se ouve, pois através da música podemos nos expressar, comunicar e interagir. Nesse sentido, o RCNEI ainda destaca que:

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical, é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (BRASIL, 1998, p. 49)

Nessa perspectiva, os professores devem proporcionar momentos de contato e uso das crianças para com o fazer musical em sua completude, ou seja, não somente trabalhar músicas referentes as datas comemorativas, formação de hábitos ou para memorizar algo, pois isso acaba por se tornar uma prática mecânica e estereotipada. O que deve ser feito é oportunizar as crianças momentos em que elas utilizem a

percepção, suas expressões e compreensão a partir da linguagem musical para que assim as mesmas construam seu conhecimento musical:

Não há dúvidas de que a música favorece a memorização de letras e de palavras e pode ajudar as crianças a se comportarem de forma mais organizadas nas situações cotidianas. Mas entendemos que, para além dessas aprendizagens, o trabalho, com a linguagem musical, deve visar à sensibilização da criança para vivenciar situações, oportunizando o exercício da expressão musical de modo que possam ouvir, perceber, criar, sentir e pensar essa linguagem para interagir com os sons do corpo, dos objetos que estão a sua volta e do mundo (AFONSO, 2011, p. 112).

À vista disso, ao se trabalhar música com as crianças está se promovendo atividades onde aconteça audição, produção, apreciação, reflexão e envolvimento com diversos gêneros musicais, podendo fazer uso de alguns instrumentos musicais ou apenas da voz, contribuindo de uma forma lúdica para se expressar comunicar sentimentos e pensamentos. Sendo assim, entendemos que atividades a partir da linguagem musical proporcionam o desenvolvimento do senso rítmico, da coordenação motora, da integração social, combinação de sons, concentração, sensibilidade, memória e raciocínio.

Lino (2014) fala que a relação com objetos sonoros auxilia para o conhecimento musical, isso acontece dentro de um processo ativo e lúdico. Esses objetos estão presentes em nosso contexto social e podem apresentar-se em diversos elementos sonoros presentes no nosso dia a dia. E o professor por sua vez deve oportunizar a partir da música o contato e o manuseio com esses elementos, assim ampliando a percepção, expressão e comunicação musical das crianças.

Portanto compreendemos que a linguagem musical possibilita a expressar emoções, favorece as relações sociais, a exploração do meio em que está inserida. Desse modo é importante considerar o trabalho pedagógico com a música uma prática rotineira, valorizando o papel das crianças na construção dessa aprendizagem, o professor exercendo seu papel de mediador nesse processo e a escola um espaço para proporcionar essa aprendizagem de forma lúdica. Tendo em vista isso deve ser valorizado a linguagem musical como uma das linguagens, onde as crianças possam se

expressar e manipular diversos objetos musicais, criando assim diferentes sons, desenvolvendo a criatividade e interagindo com o meio.

Podemos encontrar várias maneiras de se trabalhar a música como área de conhecimento com objetivos e conteúdos próprios, uma maneira de trabalhá-la é a sonorização de histórias. Isso significa que as histórias poderão ter em seu enredo uma sonorização, seja ela por meio da própria voz, de objetos ou instrumentos. Essa sonorização pode vir para dar mais ênfase a determinadas cenas de expressão da história, para ilustrar alguma cena específica, salientar acontecimentos ou caracterizar personagens. Sendo assim, as canções presentes na história podem contribuir para desenvolver ainda mais a emoção, imaginação e concentração da criança na história.

2.5 Linguagem das Artes Visuais

A começar da pré-história as pessoas já produziam formas visuais, fazendo uso de símbolos que para eles tinham um significado e representavam algo. Com o passar do tempo as formas visuais foram ganhando novas formas, como o desenho, a pintura, a escultura, a fotografia, a gravura, o vídeo, a modelagem, etc. E essas artes visuais vem crescendo até os dias atuais.

Contudo, as pessoas passaram a deixar a linguagem artística de lado e apenas valorizando a linguagem verbal (escrita e falada). Quando existe o trabalho com a linguagem artística ele é padronizado por desenhos de casinhas, floresta, elementos da natureza, tornando esses momentos uma reprodução de formas estereotipadas e não dando a oportunidade das crianças se expressarem livremente. Nesse ponto de vista as instituições de Educação Infantil devem iniciar o processo de introdução da linguagem artística, na interação com os objetos de conhecimento, podendo assim começar a constituir seu processo expressivo. Solidificando isso Cunha (2014), reforça nos trazendo que:

As instituições de Educação Infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo por meio dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da

repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, esses são fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente (CUNHA, 2014, p. 15)

Nessa concepção, as artes visuais têm um papel fundamental na Educação Infantil, pois possibilita as crianças o desenvolvimento da sua sensibilidade e imaginação, demonstrando através de suas produções sua espontaneidade, autonomia e criatividade e assim como a linguagem musical possibilita a expressão e comunicação, se tornando assim importante como as outras linguagens que já foram mencionadas nesse trabalho e que deve estar inserida no ambiente escolar. Ressaltando a relevância dessa linguagem, o RCNEI (1998) traz que:

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. Tal como a música, as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998, p. 85).

Em vista disso, no momento de suas criações as crianças estão em uma construção individual, que é uma maneira de expressão e comunicação. A linguagem artística é uma forma de expressar o que sabemos sobre o mundo em que vivemos. Cunha (2014, p. 18) reforça essa ideia nos falando que “assim, devemos lembrar que os registros resultam de olhares sobre o mundo”. Dessa maneira essa linguagem em questão oportuniza que as crianças criem, recriem, expressem seus sentimentos e emoções, utilizam sua autonomia e criatividade e desenvolvem suas habilidades motoras, assim é importante que o professor considere trabalhar com as crianças modalidades artísticas através de diversos meios como a dança, o desenho, a pintura, a modelagem, a escultura, colagem e montagem, gravura, como também, assegurar que as crianças tenham acesso a uma variedade de materiais, para assim trabalhar o estímulo sensorial a partir do contato e manipulação desses materiais.

Da mesma forma que as crianças desenvolvem gradativamente a oralidade e a motricidade, isso ocorre também com a linguagem artística. O vocabulário visual das crianças se forma aos poucos, conforme as mesmas entram em contato com materiais, instrumentos e com a própria linguagem visual. Sendo assim ao mesmo tempo que as crianças pintam e interagem com diversos materiais elas estarão evoluindo seu vocabulário visual e conseqüentemente ampliando sua linguagem artística.

Assim sendo a linguagem artística não deve ser entendida apenas como uma reprodução, mas sim uma forma de criação e expressão, fazendo com que haja um respeito das crianças para com a produção dos seus colegas e como professor levar em consideração que cada criança tem seu potencial, respeitando a produção, a singularidade e cultura de cada um deles.

Por fim, ressaltamos que as artes visuais integram a própria estrutura do livro e aproxima, às crianças, dos encantos que este pode proporcionar, quando, através da leitura e contação de histórias, estas apreciam o livro, suas cores, formatos, desenhos temáticos e figuras.

3. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo, foi baseado no Projeto de Atuação e Intervenção Docente (PAID), durante Estágio Supervisionado em Educação Infantil, orientado pela professora Glória Maria Leitão de Souza Melo, no ano de 2018, em uma creche da rede privada localizada na cidade de Campina Grande-PB, onde os sujeitos da pesquisa foram 6 (seis) crianças de 1(um) a 2 (dois) ano de idade, as quais serão identificadas, no capítulo que segue, de criança 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

O PAID tinha como objetivo principal, observar linguagens utilizadas por crianças, em contextos de práticas de leitura e contação de histórias, bem como em atividades decorrentes dessas práticas. Nesse sentido, através do PAID, foi possível possibilitar a exploração de Contos dedicados ao público infantil, que pode contribuir com o desenvolvimento do gosto das crianças pela leitura, de forma lúdica através de diferentes linguagens.

Para fazermos uso dessa experiência com o PAID, como objeto de estudo no presente trabalho, fez-se necessária, para tanto, uma reorganização e definição de procedimentos metodológicos. Assim sendo, adotamos a perspectiva qualitativa, através de pesquisa do tipo exploratória, visto que buscamos compreender linguagens apresentadas pelas crianças, a partir das suas atitudes frente ao que foi proposto durante a execução do PAID.

Para Severino (2014, p. 123) esse tipo de pesquisa “busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

Além da pesquisa do tipo exploratória, este estudo pode também se caracterizar como pesquisa do tipo pesquisa-ação, pois os dados aqui analisados decorrem da própria experiência da pesquisadora, na execução do PAID, junto a crianças de creche desempenhando um papel ativo, acompanhando e fazendo uma reflexão acerca da ação das crianças referente as linguagens apresentadas nos momentos de leitura e contação de histórias e das atividades referentes a essas histórias.

A respeito da pesquisa ação, Thiollent (1986) destaca que ela envolve as seguintes estratégias metodológicas:

a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; c) o objeto da investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nessa situação; e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação” (THIOLLENT, 1986, p. 16).

Em decorrência da vivência do PAID, como corpus deste estudo, fizemos uso, como instrumento de coleta de dados, de registros escritos, de observação realizados em diário de campo, durante a referida vivência, além de registros escritos no próprio Relatório de Estágio, entregue a orientadora, durante Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Assim, registros decorrentes de observações, se constituíram das principais fontes de nossas análises, neste estudo. Severino (2014) ressalta que a observação oportuniza o contato com o que está sendo investigado e é uma importante etapa da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, temos um (re) encontro com nossa experiência de Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Para tanto, trazemos, inicialmente, breves informações sobre o funcionamento institucional e pedagógico da escola, sede do referido Estágio. Em seguida, a partir de registros do diário de campo, realizados durante essa experiência, e a consulta ao próprio Relatório de Estágio, analisaremos dados decorrentes de práticas de leitura e contação de histórias com crianças de 01 a 02 anos de idade, para destacar linguagens por elas utilizadas.

4.1 A Unidade de Educação Infantil Campo de Estágio

A instituição campo de Estágio O referido berçário funciona das 07:00 às 18:00, de segunda-feira à sexta-feira, apresenta um espaço amplo e bem distribuído, em via pavimentada e com ótimo acesso e localização.

Na sua entrada encontramos uma área de lazer para as crianças com uma diversidade de brinquedos, nesse espaço uma parte é coberta e a outra é aberta; ao entrarmos, tem a recepção e dois quartos com berços, para o descanso das crianças. Há também uma sala de vídeo com alguns carrinhos de bebê, para que as crianças possam assistir alguns desenhos, quando não estão realizando outras atividades.

A escola possui um banheiro para os funcionários; um lactário com duas cadeirinhas de alimentação, e uma mesinha adequada para refeições. Possui uma cozinha; um banheiro adequado para crianças, duas salas para atividades pedagógicas, sendo uma para crianças de quatro meses a um ano de idade, e outra para crianças de 01 a 02 anos de idade.

A rotina da turma alvo deste estudo, crianças entre 01 a 02 anos de idade (6 crianças) acontece da seguinte maneira: elas são recebidas pelas professoras e ficam no pátio tomando banho de sol e brincando. Após o banho e a primeira refeição do dia, as crianças seguem para a sala de atividade pedagógica. Em seguida, ocorre a segunda refeição (almoço) e a hora do descanso.

Quando as crianças acordam, são conduzidas para a sala de vídeo e lanches são oferecidos. Após esse momento, as crianças participam de outra atividade, em sala

pedagógica. O dia finaliza com o banho, outra refeição, brincadeiras livres até a chegada dos pais.

A escola apresenta uma Proposta Pedagógica, que visa, dentre outros, o desenvolvimento integral da criança e uma prática pedagógica que busca otimizar aspectos desse desenvolvimento, e favorecer interações sociais, a brincadeira, o movimento psicomotor e a exploração de diferentes linguagens, nas diversas situações da rotina institucional.

Por fim, a escola campo de Estágio Docente, está embasada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e procura seguir os aspectos que dizem respeito ao regime de funcionamento, sistema de avaliação, proposta curricular.

4.2 Análise dos dados

A vivência do Projeto de Atuação e Intervenção Docente, ocorreu durante nossa experiência de Estágio Docente na Educação Infantil, no período de junho de 2018. De acordo com seus objetivos, foram exploradas as seguintes histórias, também denominadas de Contos para o público infantil: “João e o Pé de Feijão”, “Cinderela”, “Os Três Porquinhos” e “Branca de Neve”, essas histórias foram realizadas tanto em sala de atividades, destinada a faixa etária envolvida, como no pátio. Dessas histórias, na ordem, a primeira foi lida, e as demais foram contadas.

A cada dia de vivência deste Projeto, registros escritos em diário de campo eram realizados, pela professora estagiária, a presente pesquisadora, para reflexão e análise da experiência diária com as crianças, com foco nos objetivos propostos.

De acordo com as atividades propostas, durante a vivência do PAID na creche, apresentamos, a seguir, a descrição e análise de experiências com práticas de leitura e contação de histórias, afim de identificar e discutir acerca de linguagens utilizadas por essas crianças, durante essas práticas e atividades lúdicas referentes a cada história explorada. Conforme já mencionado, nosso estágio envolveu 6 (seis) crianças de idade entre 1 (um) a 2 (dois) anos.

No primeiro encontro, dispomos livros no chão, para que as crianças tivessem melhor acesso. Percebemos que cada criança pegou dois livros das mesmas cores e

começaram a folhear. Três crianças começaram a contar as história do seu jeito. Uma delas se aproximou e entregou um livro (“João e o Pé de Feijão”) a professora estagiária, solicitando que esta realizasse a leitura: - “Lê o livro tia, que eu dei” (Criança 1). – “Conta uma história pra mim tia” (Criança 1). A professora explicou: – “Assim como vocês leram os livros trazidos nesse dia, eu vou ler para você e para todas as demais crianças, a história de “João e o Pé de Feijão”. Assim, a criança bateu palma e disse: – “Tá bom tia” (Criança 1).

Um dos livros distribuídos, neste primeiro encontro, era dos “ Os Três Porquinhos”. De posse do livro, a criança 2 começou a cantar a música do “Seu Lobato”. Com isso, percebemos que as crianças já tiveram experiências anteriores com essa história e possibilidades de reconto. Pois fizeram uso da linguagem oral e da musical, destacando elementos dessa história.

Segundo Rigliski (2012), a prática da criança recontar histórias, assim como a autonomia de escolher o livro, no momento de recontar auxilia na linguagem oral. A criança 2, que associou a história com a música fez uso da linguagem musical, ao utilizar sons para imitar os sons dos animais e atribuir significados a esses sons, a partir do momento em que ela correlacionava, cada som, ao animal presente na música, o que nos dar indícios da compreensão da criança, acerca dos animais presentes na história, “Os Três Porquinhos”.

Com essa associação feita pela criança, da história com a música, entendemos que essa criança demonstrou conhecimento, reconstruiu seu fazer musical e comprovou o uso do seu imaginário através da linguagem musical. Partindo dessa situação Lino (2014) vem falar que:

Nesse contexto, a tônica do trabalho pedagógico é possibilitar um ambiente de descoberta e revelação dos imaginários infantis, a partir do fazer musical – forma que, inerente à linguagem musical, deve ser estruturada no dia a dia da sala de aula em sua totalidade (LINO, 2014, p. 201).

No mesmo dia do primeiro encontro, a criança 3, por sua vez contava a história da “Cinderela”, ao seu modo, retratando tudo que acontecia no livro, como por exemplo, o choro de Cinderela, as canções da história, falas de personagens. Com isso

percebemos que a criança que contava a história do seu modo, ao “ler” a história de “Cinderela” (criança 3), e a criança que representava a história, associando-a a sons de animais (Criança 2), estavam fazendo uso do jogo simbólico, que faz parte da linguagem corporal; pois, de acordo Lawall e Andrade (2009, p. 23) “através do jogo simbólico a criança inventa, imagina, representa e se expressa, podendo desempenhar vários papéis”.

Ainda nesse primeiro dia de estágio, foi lido a história de “João e o Pé de Feijão”, conforme prometido pela professora estagiária. No momento da leitura, todas as crianças ficaram atentas à história, em silêncio, apenas observando. Após a história contada, a professora explica que o feijão iria ser plantado, conforme a história. Nesse momento a criança 1 disse: – “Pra levar pra casa e mostrar a mamãe?”. – “Sim” (professora estagiária). – “Vai crescer bem muito como o de João” (Criança 1). Todas as crianças ficaram animadas com a experiência do feijão e participaram: uma criança por vez, na presença dos demais, que queriam observar de perto o momento de plantar o feijão, foi chamada para plantar seu feijão, e observar o que era necessário fazer, auxiliando seus colegas em cada etapa da plantação.

Após todas as crianças terem plantado seus feijões, os recipientes foram colocados em um lugar arejado do ambiente, e de fácil acesso, para que todas pudessem acompanhar de perto, e cuidar do desenvolvimento da plantinha. Diante dessa situação, percebemos como é importante o contato e a exploração das crianças para com os objetos que a cercam, como também o momento de interação delas com seus colegas e com a participação destas em experiências dessa natureza, tornando a interação necessária ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Nesta atividade, em decorrência da contação da história, “João e o Pé de Feijão” o uso da linguagem oral ganhou saliência, em decorrência das interações que se fizeram necessárias, entre crianças e professoras e entre as próprias crianças, e entre estas com objetos culturais, a exemplo dos modos de plantar, e cuidados necessários.

Costa e Santos (2017, p. 719) ressaltam que “[...] é neste processo de interação com os sujeitos culturais, que as crianças presenciam e participam de situações que se tornam necessário para o desenvolvimento de sua linguagem”.

No segundo encontro foi o dia da história da “Cinderela”. Nesse dia, as crianças tiveram acesso a uma caixa com algumas fantasias, trazida pela professora estagiária. Ao perceberem a caixa, todas as crianças pediram para ver a surpresa. A professora enfatizou que primeiramente seria contada a história e depois eles poderiam ver a surpresa, então reúne todas em um círculo, para contar a história. Quando apareceu a fada madrinha, a criança 1 apontou para o livro e disse: – “Olha a vovó”! No final, quando aparece a figura da Cinderela e do príncipe, as crianças 2 e 3 também apontaram e disseram: – “Mamãe e Papai”! Ou seja, percebemos que elas associaram o mundo real ao imaginário da história, pois falaram da personagem idosa como sendo sua vó e o casal da história com sendo seus pais, por estarem em um momento afetivo.

Desse modo, observamos a linguagem corporal, no gesto de apontar, interagindo assim com o apoio do seu corpo, para identificar a cena explorada da história. A presença da linguagem oral, ao falarem da personagem e da cena, associando o imaginário com a realidade.

Assim sendo, pudemos perceber que o lúdico está presente na literatura infantil, auxiliando além da imaginação e a criatividade a relação da fantasia com o mundo real. Santos et al (2012) explicam, que:

O lúdico existente na literatura infantil, aflora a fantasia e, por meio da imaginação a criança mergulha no mundo do faz-de-conta e ativa situações corriqueiras em sua vida cotidiana. A relação entre o mundo imaginário e o real contribui para que a criança aprenda lições de vida, a respeitar as diferenças e, principalmente, conviver com o outro (SANTOS et al, 2012, p. 4)

Para introduzir a história contada neste segundo encontro, foi levado como apoio uma caixa com fantasias para simbolizar o baile da história da “Cinderela” para que as mesmas fossem utilizadas pelas crianças depois da história juntamente com uma música para elas dançarem livremente.

Terminando a história peguei a caixa com fantasias e eles ficaram muito eufóricos. Quando coloquei a caixa no chão, eles foram retirando as fantasias e escolhendo as que mais gostavam. Pegavam peças e pediam para eu colocar em mim e diziam que eu estava bonita, assim foi notado a criatividade e autonomia das crianças ao escolherem suas

fantasias e o modo como se vestiam. Depois de algum tempo as crianças 2 e 4 colocavam as fantasias na caixa e retiravam, se deitavam em cima das fantasias e depois ficavam entrando dentro da caixa, primeiro entrava um e cada vez e depois ficaram em pares dentro da caixa (Registro do diário e campo, junho de 2018).

Observamos que as crianças, durante as práticas de leitura e contação de histórias, ou atividades decorrentes dessas práticas, fizeram uso da linguagem corporal, de modo a favorecer suas ações sobre o meio físico. Segundo Costa e Santos (2017), o importante não é o espaço em si, em que a criança está inserida, mas como o mesmo é experimentado, pois as crianças são transformadoras desses espaços, é nesse espaço que elas são convidadas a imaginar e, conseqüentemente, favorecem sua expressividade. Nesse sentido, Guimarães (2009) diz que:

[...] Se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades. Compreender a educação como mobilizadora da capacidade da criança de produzir sentido sobre o mundo e não repetir padrões já existentes implica um desenho de espaço e um determinado papel de educador. Ou seja, é necessário levar em conta o diálogo com a expressividade das crianças, o incentivo às suas capacidades de criar cenas, narrativas (com vários suportes), invenção de situações, soluções inusitadas para as questões que emergem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de ralação, sustentar o que constroem (GUIMARÃES, 2009, p. 69).

Após o momento de utilização desse espaço, pelas crianças, foi colocado uma música para que as mesmas pudessem dançar como acontece no baile da “Cinderela”, na história contada. Nessa ocasião, pudemos perceber que as crianças dançaram livremente, produzindo gestos e se movimentando no espaço de forma natural. Com isso compreendemos que as crianças se apropriaram de movimentos como forma de linguagem, pois elas se expressaram com liberdade, construindo gestos, se utilizando do seu próprio corpo no espaço, de forma espontânea.

Assim, pudemos verificar que as crianças fizeram uso da linguagem artística através da dança e ao mesmo tempo da linguagem corporal por meio da exploração desse espaço, como atividade decorrente da contação da história de “Cinderela”.

Vargas (2014, p. 236) diz que “A criança pelo movimento criativo, pela dança, expressa suas emoções sem utilizar a palavra, desenvolvendo a sensibilidade, a imaginação, a fantasia e a comunicação com o máximo de possibilidades”.

No terceiro encontro, foi contada, com auxílio do livro, a história dos “Três Porquinhos”, conforme recorte de registro em ‘diário de campo’:

Durante o momento da contação, pude perceber que as crianças identificaram os porquinhos e o lobo mau, e ficavam fascinadas no momento em que era feita a entonação da voz, na fala do lobo mau, e os gestos deste lobo assoprando a casa dos porquinhos. A expectativa era motivada pelo momento em que o lobo iria assoprar (Registro do diário e campo, junho de 2018).

Depois do momento da contação da história dos “Os Três Porquinhos” foi perguntado quais os personagens presentes na história, e as crianças falaram que eram os porquinhos e o lobo mau, e falaram que os porquinhos eram irmãos e eles tinham medo do lobo mau. Percebemos, com isso, a autonomia e compreensão da criança, através do discurso oral, na elaboração de suas opiniões acerca do comportamento dos personagens da história, bem como a compreensão do desfecho dessa história. Para Rigliski (2012) o desenvolvimento oral ocorre também pelo fato das crianças comentarem a respeito dos personagens. A partir do comentário das crianças, uma das crianças disse: – “Tia, eu sei que eles estão no Sítio do Seu Lobato, vamos cantar?” (Criança 2), referindo-se aos porquinhos da história. Essa criança consegue, pela oralidade, transportar-se de uma realidade para outra, fazendo associações de contextos que lhes parece familiares. A música intitulada “Seu Lobato” serviu de mediação nesta associação.

A música do “Seu Lobato” foi cantada com as crianças e elas iam falando os animais presentes no sítio do “Seu Lobato”, imitando os sons dos mesmos. A música foi acompanhada com palmas pelas crianças. Desta forma, observamos a presença da linguagem musical, juntamente com a linguagem corporal, pois elas incentivam o imitar, explora os gestos sonoros, como bater palmas, pernas, pés, influenciando no aprendizado das crianças.

Batista et al (2014, p. 3) diz que “A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos”. Bonfante e Camargo, asseguram que (2017, p. 77) “ a linguagem corporal para crianças da Educação Infantil é de extrema importância. Por meio dela, eles se expressarão e se comunicam por gestos, mímicas ou expressões corporais”.

Após a contação da história dos “Os Três Porquinhos” foi entregue às crianças, em folhas de papel cartolina, os personagens, para que elas pudessem escolher e colorir livremente, com isso as crianças demonstraram a linguagem artística. Após as pinturas, os personagens foram colados em palitos, para que, de posse de cada personagem, as crianças pudessem participar do reconto da história.

No momento de recontar a história as crianças enfatizaram que o lobo mau assoprava para derrubar a casa dos porquinhos, faziam a entonação da voz do lobo, do sopro que ele emitia, e de movimentos corporais na representação dos animais da história. Mais uma vez, se observa o uso da linguagem corporal, associada à linguagem oral, para imitação e modulação da voz. As crianças aprendem, dessa forma, a interagir com o apoio do próprio corpo, na reconstrução de uma realidade, mesmo que imaginária. Para tanto, acionam comportamentos que requerem o desenvolvimento da atenção, da memória e a autonomia, a partir da narração da história, e de elementos ou personagens que a compõem.

No nosso quarto encontro, antes de iniciar a história da “Branca de Neve”, foi disponibilizado para as crianças uma caixa de papelão decorada onde dentro continha um espelho para que elas pudessem se identificar, ao abrir a caixa.

Passei uma caixa com um espelho e pedi para que eles dissessem o que tinha dentro. Como só tinha o espelho e eles esperavam outra coisa, então a criança 1 disse: “- Não tem nada”. Depois apontei para o espelho e perguntei o que eles estavam vendo e assim eles foram dizendo seus nomes e ficavam felizes ao dizerem seus nomes, assim estimulando as crianças a construir sua auto-imagem (Registro do diário de campo, junho de 2018).

Na sequência, após a identificação de todas as crianças, no espelho, a professora estagiária informa que a história a ser contada, tinha também um espelho. A história foi contada com o auxílio de um avental. Trata-se de um recurso lúdico que

propicia, ao contador de histórias, trabalhar e utilizar o lugar onde a história acontece, a partir de uma apresentação na qual o seu corpo é o apoio para o cenário.

Percebemos que a utilização deste recurso possibilitou encantamentos e atenção ao momento da contação histórias. Terminando a contação, as crianças ficaram tirando e colocando os personagens do avental, e dizendo que os sete anões eram os amiguinhos da menina. Desse modo percebemos que a história contada através do avental aproximou as crianças da história, pois estavam mantendo contato visual a todo tempo. Nesta ocasião, uma das crianças (Criança 1), solicitou da professora estagiária, que o avental fosse nela colocado. Em poucos instantes, todas as demais crianças se interessaram em colocar o avental. E assim, foi feito pela professora. Após ter sido colocado o avental em cada criança, todas recontaram a história do modo como compreenderam, retirando e inserindo os personagens deste avental.

Mais uma vez pudemos observar que, através da história contada, as crianças tiveram a oportunidade de reconta-la, utilizando a sua criatividade e imaginação, fazendo uso, preponderantemente, da linguagem oral. Rigliski (2012, p.7) reforça o valor de situações como essa, quando ressalta que, “notamos o desenvolvimento oral das crianças, a ampliação do vocabulário, a prática de recontar a história para os outros, a autonomia na escolha do conto preferido no momento da contação”.

Eles reconheceram a maçã na história e então foi dito as crianças que iríamos fazer uma maçã com massinha de modelar como a maçã da história e eles ficaram muito felizes ao saber que naquele dia iam brincar com a massinha. Ao mesmo tempo que iam fazendo chamavam a professora estagiária para olhar o que eles estavam fazendo, e eles mesmos iam elogiando suas artes. A criança 6 ficava retirando pedacinhos da massinha e batendo nelas como se fosse um martelo amassando os pedaços da massinha, podemos ver nessa situação que a criança através da linguagem artística recriou sua produção.

Em práticas pedagógicas na Educação Infantil, é possível perceber a ênfase da linguagem da arte, mais especificamente as artes plásticas, em atividades decorrentes de leituras ou contação de histórias. É através das possibilidades de criação pela arte, que as crianças se expressam, comunicam e atribuem sentidos as sensações, sentimentos, pensamentos. As crianças aqui citadas estavam em contato com suas

produções e com as das outras crianças, o que auxilia a interação entre os mesmos. Durante a produção artística, ocorre a possibilidade de construção e desconstrução do que está sendo produzido, o que as auxiliam no entendimento de que elas têm a possibilidade de criar e recria, seja com massinha de modelar, ou com qualquer outro material e, com isso ampliam-se seus conhecimentos de mundo e de cultura.

No último encontro, a culminância do PAID, foi disponibilizado às crianças, os materiais utilizados para ler e contar as histórias, para observar se as crianças tomavam iniciativas de se reportarem ou contarem as histórias. As crianças se remeteram, com maior interesse, para o avental da história da “Branca de Neve” e para o livro dos “Três Porquinhos”. Com relação a primeira história, foi percebido que o interesse delas foi pelo próprio avental, por ser algo diferente e atrativo. As crianças falaram dos amiguinhos da Branca e Neve, os sete anões, e que ela estava na floresta com eles. E a respeito da segunda história, foi identificado que a mesma é contada em casa, pelos pais da criança 1, pois a mesma disse que seus pais lhe contavam essa história em casa e também. Para as demais crianças, o interesse pela história dos “Os Três Porquinhos”, deu-se pela participação dessas crianças em entonações emitidas acerca do sopro do lobo mau, para derrubar a casa dos porquinhos.

Ao final deste último encontro, fomos todos para o pátio, lá estavam as duas turmas (B1 e B2) e expomos os trabalhos feitos por eles e eles ficaram encantados como os seus feijões haviam crescido e quando seus pais iam busca-los eles faziam questão de mostrar seu feijão e dizer que eles mesmos haviam plantado. Foi colocadas músicas para que eles se expressassem livremente através de gestos e movimentos e alguns ficavam brincando e outros ficavam dançando, batendo palmas, pedindo para dançar comigo e me diziam como dançar para dançarmos juntos, os menores da turma do B1 também se divertiram bastante ficavam o tempo todo batendo palmas e dando gargalhadas. As lembrancinhas entregues a eles foram pirulitos com a imagem dos personagens das histórias contadas no decorrer do projeto coladas no mesmo (Registro do diário e campo, junho de 2018).

Enfim, de acordo com a experiência do Estágio percebemos que ao longo das histórias contadas e das atividades referentes a cada uma delas, as crianças fizeram uso de diferentes linguagens, quando se comunicavam, compreendiam, participavam,

expressavam sensações, sentimentos e pensamentos a partir das suas interações e criações.

Em vista disso, algumas vezes quando falamos em linguagem é comum relacionarmos apenas a linguagem verbal (oral e escrita) e por vezes acabamos por priorizar apenas essas duas formas de linguagem. Mas, o que devemos levar em consideração na Educação Infantil é que a criança se comunica e se expressa por meio de múltiplas linguagens. Através da oralidade, de gestos, expressões faciais, posturas corporais, de sons, produções artísticas, entre outras.

Sendo assim podemos dizer que o ambiente escolar é o lugar onde as crianças interagem socialmente e é onde se potencializa o desenvolvimento e aprendizagem dessas crianças. A leitura e a contação de histórias é uma das atividades e experiências que devem integrar este nível de educação, que ajuda a desenvolver a capacidade crítica de interpretação e de interação social, são através das histórias infantis que as crianças entram em contato com o mundo imaginário, desenvolvem a imaginação, emoções, e sentimentos de forma prazerosa e significativa, enfatizando seu caráter lúdico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral desse trabalho, que foi o de analisar linguagens de crianças utilizadas em práticas de leitura e contação de histórias, numa creche da rede privada no município de Campina Grande – PB, constatamos que práticas de leitura e contação de histórias e atividades lúdicas referentes a cada história trabalhada, auxiliam no trabalho com as linguagens, que não necessariamente é somente através da fala que uma criança se comunica, mas através da música, do movimento, da arte, da dança, da literatura. Para isto, práticas pedagógicas baseadas nas linguagens favorecem experiências nas quais todos os sentidos são estimulados e as crianças são incentivadas a explorar e se expressar por meio das linguagens. Confirmamos também, que as práticas de leitura e contação de histórias e as atividades auxiliaram nos comportamentos e nas linguagens das crianças para o seu desenvolvimento, bem como na escuta atenta e no gosto pela leitura.

Desta maneira entende-se a prática de leitura e contação de histórias como sendo extremamente relevantes na vida das crianças, inserindo as mesmas no mundo da leitura desde cedo contribui para que elas passem a gostar de ler mais cedo e também na sua formação de leitora.

A leitura e contação de histórias além de ter seu caráter lúdico é uma metodologia que ajuda a melhorar a prática docente e proporciona conhecimento e diferentes aprendizagens. Compreendemos então que a contação de história é utilizada como um apoio para que a aprendizagem ocorra de uma forma mais interessante, já que a oralidade é bastante evidenciada e o imaginário encorajado.

Uma vez que as histórias infantis ajudam a sentir algumas emoções e em alguns momentos as crianças se sentem como se fossem os próprios personagens, assim as narrativas devem transportar emoções e elementos significativos para rerepresentar a história.

Podemos ainda falar que recursos adicionais agregam expressividade teatral à experiência de ouvir histórias: fantoches, objetos que representam personagens e instrumentos musicais que sonorizam as histórias são alguns dos recursos que facilitam a entrada do bebê no mundo imaginário das histórias, logo vários elementos vão se fazer presente no momento de contar determinada história.

Nessa perspectiva percebemos que as linguagens contribuem no desenvolvimento da criança, permitindo que a criança expresse, contribuindo nos aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos e sociais. Sendo assim não devemos levar em consideração apenas a linguagem oral e escrita que também são de extrema importância, mas buscar trabalhar de forma lúdica, envolvendo todas as áreas do conhecimento, integrando o cuidar e o educar, respeitando a criança como um sujeito de direito e que produz cultura.

Portanto o mais importante enquanto professoras atuantes é sempre observar, pois assim iremos identificar as necessidades e desejos de cada criança e a partir disso desenvolver o trabalho com as mesmas, dando relevância ao lúdico como manifestação das linguagens, atribuindo respeito à motricidade infantil, à fala e à oralidade, à representação e à escrita.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Aparecida Valentim. **A musicalidade das crianças: a descoberta dos sons do corpo, dos objetos e do mundo.** In: *Educação Infantil: das práticas pedagógicas às políticas públicas*. Editora da UFPB, João Pessoa, 2011.
- BATISTA, N. C. et, al. **Educação infantil: um relato do trabalho com as múltiplas linguagens no berçário.** RAI. RUM., VOL. 02 Nº 01, 62 - 155, RIO DE JANEIRO, JUN., 2014
- BRANDÃO, L. W. P. (2010). **Interação mãe-bebê surdo implantado: entre o “ouvinte suposto” e o “aprendiz de ouvinte”.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística. UFPB, João Pessoa, PB.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil, de 05.10.1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm?fbclid=IwAR0IMdor60TxR-daffpmnzcUIWKJm2SDB6_L1p0jEsXz2WrJm4OomnlGquY>. Acesso em: 5 fev. 2019.
- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Ministério da. PARECER CNE/CEB nº 20/2009 de 11 de novembro de 2009. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.** Brasília: Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. nov. 2009.
- BRASIL, MEC – SEF. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998. V. 3.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão.** Brasília, MEC, 2017.
- COSTA, Josilene Pereira da; SANTOS, Lindalva Pessoni. **As múltiplas linguagens e a organização do trabalho pedagógico na educação infantil.** Anais da VI Semana de Integração Inhumas: UEG, 2017, p. 715-732.
- CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **A importância das artes na infância.** In: *As artes no universo infantil*. Porto Alegre, 2014, Editora Mediação, 3º ed.
- DEBUS, Eliane. **A leitura ganha sentido também pelos sentidos.** In: *Festaria de brincança: a leitura literária na educação infantil*. São Paulo, 2006.
- GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **A capacidade linguística de adultos e crianças.** In: *Para conhecer aquisição da linguagem*. Editora Contexto, São Paulo, 2014.
- FONTE, Renata Fonseca Lima da. **O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega.** João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)

GUIMARÃES, Daniela. **Educação Infantil: espaços e experiências.** *In: Patricia Corsino.* (Org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. 2ed. Campinas: Autores associados, 2012, v. 1, p. 1-126.

LAWALL, C. R. ANDRADE, E. **Educar, cuidar e brincar: Múltipla Linguagens.** *In: REVISTA SETREM - Ano VIII nº15 JUL/DEZ 2009.*

LINO, Dulcimarta Lemos. **A música é cantar, dançar, brincar! E tocar também!.** *In: As artes no universo infantil.* Porto Alegre, 2014, Editora Mediação, 3º ed.

NÓBREGA, P. V. A. CAVALCANTE, M. C. B. **O Envelope Multimodal em Aquisição de Linguagem: Momento do surgimento e pontos de mudanças.** *In: Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade atenção conjunta e subjetividade/* Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Evangelina Maria Brito de Faria, organizadoras. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de et al. **Práticas pedagógicas para crianças de 0 a 2 anos.** *In: O trabalho do professor na educação infantil.* 2014, São Paulo, 2 ed.

RIGLISKI, Adriane Schreiber. **Contribuições das histórias no desenvolvimento infantil e suas linguagens.** *In: Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância.* Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2012.

SANTOS, Maria Cleoneide de Souza; PEREIRA, Valéria Vieira; SOUZA, Míria Hellen Ferreira de. **O lúdico na contação de histórias: quando as palavras se transformam em brinquedos.** *In: V Fórum Internacional de Pedagogia,* 2013, Vitória da Conquista-BA. Anais Fiped (2013). Campina Grande: Realize Editora, 2013. v. 01.

SANTOS, Marli Pires dos. **Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 81-82.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Teoria e Prática científica.** *In: Metodologia do Trabalho Científico-* 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Paula Michely Soares da. **Indícios da influência multimodal na produção de holófrases e blocos de enunciado na criança em processo de aquisição da linguagem.** *In: Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade atenção conjunta e subjetividade/* Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Evangelina Maria Brito de Faria, organizadoras. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. **A dança com alma e criança!.** *In: As artes no universo infantil.* Porto Alegre, 2014, Editora Mediação, 3º ed.